



Max Maciel (de blusa cinza) e seus colegas ongueiros: conectados aos problemas da cidade

GERAÇÃO DO BEM

TAINÁ FALCÃO
ESPECIAL PARA O CORREIO

Em tempo de supervalorização da imagem, dos perfis em sites de relacionamento, dos fones quase sempre plugados aos ouvidos, Brasília é presenteada pelo surgimento de uma geração cada vez mais conectada aos problemas da cidade. O estigma das gangues e as dramáticas lembranças do assassinato do índio pataxó Galdino, incendiado por cinco jovens de classe média, em abril de 1997, são aos poucos substituídos pelo esforço de jovens que dedicam tempo a projetos sociais e tornam-se exemplos de cidadania para pessoas da mesma idade.

Há 10 anos, em Ceilândia, uma das três cidades mais violentas do Distrito Federal, segundo a Secretaria de Segurança Pública do DF, o pedagogo Max Maciel, 27 anos, tenta transformar o futuro de jovens que convivem com a criminalidade. Max, que atualmente é coordenador-geral da Central Única de Favelas no DF (Cufa), tornou-se referência positiva na cidade onde nasceu. "Em algum momento da minha caminhada, eu consegui visualizar o que não era certo. Eu tive a oportunidade de buscar outras informações, subsídios. Era um ciclo, e eu quis quebrá-lo", lembra Max.

Embora acumule experiência na área social, o pedagogo admite que a abordagem de jovens marginalizados não é uma tarefa fácil, já que exige envolvimento em conjunto de outros setores da sociedade. "Nós não podemos achar que vamos resolver o problema do jovem, se eu não consigo dialogar com a escola, com a família. Se não for desse jeito, meu trabalho fica solto", diz ele.

Influenciado por amigos que já atuavam no terceiro setor, a universitária Roberta Rios, 23 anos, tornou-se voluntária da organização não governamental Gente Nova com apenas 16 anos, quando ainda não tinha experiência profissional no currículo. "O jovem tem dentro de si um sentimento que pede que ele mude, que faça algo diferente. Eu sentia vontade de fazer algo que marcasse. Não queria ser apenas uma universitária, que vai à aula, que sai e namora. Queria ter a consciência limpa de que fiz minha parte", explica a estudante de ciências políticas.

Para Roberta, não se pode mais atrelar a imagem do jovem brasiliense à violência e à alienação. Mas ela admite que atividades sociais ainda são pouco divulgadas em Brasília, o que atrapalha o engajamento de jovens na área. "O jovem de Brasília não é fútil. É alguém que tem necessidade de se doar, de fazer acontecer. A imagem de violência que ficou não representa a maioria. Muitas vezes, ele não participa de projetos sociais porque falta informação."

O cotidiano de meninas como Roberta é semelhante ao de muitos jovens de classe média que conciliam trabalho, estudo e diversão. As reuniões da ONG em

que a estudante participa, normalmente, ocorrem à noite, durante os fins de semana. Embora acredite que o trabalho voluntário seja contagioso, a universitária admite que a atividade exige força de vontade. "Todo mundo acha que trabalho voluntário é muito bonito, admira, mas na hora de participar fica acomodado, não quer sair do lugar."

O estudante de administração e geografia Diego Monte, 20 anos, está na ONG Gente Nova desde 2008. Ele acredita que, ao engajar-se em ações sociais, o jovem ajuda a construir uma imagem mais justa de Brasília. "Ele tem muita energia, está sempre à procura de algo para se completar, para ocupar uma espécie de vazio." O estudante garante que a dedicação aos projetos sociais é reconhecida por colegas da mesma idade. "Quando eles sabem que faço trabalho voluntário, logo se interessam. Acredito que, a partir do momento, em que se faz algo diferente e que visivelmente aquilo te faz mais feliz, você desperta interesse em outras pessoas. As pessoas veem em mim essa diferença."

UMA CIDADE JOVEM

Crianças, adolescentes e jovens representam mais da metade da população do Distrito Federal. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo Instituto Nacional de Geografia e Estatística (IBGE), até 2008, 58% dos moradores da capital do país tinham até 24 anos. Em números absolutos, este grupo é formado por 1,47 milhão de pessoas. A pesquisa apontou que 9,3% dos residentes do Distrito Federal, ou 235 mil pessoas, têm entre 10 e 14 anos. Adolescentes e jovens entre 15 e 19 anos somam 219 mil brasilienses e representam 8,6% da população.

BRASÍLIA É A DERROTA DOS CRETINOS

NELSON RODRIGUES,
DRAMATURGO

CORREIO BRAZILIENSE

OS JOVENS

EM MEIO A UM DIA A DIA AGITADO, ELES RESERVAM TEMPO A ATIVIDADES SOCIAIS E APONTAM UM FUTURO MAIS POSITIVO PARA A CAPITAL DO PAÍS

OS VOLUNTÁRIOS

MANIA DE AJUDAR O PRÓXIMO

FLÁVIA MAIA

Uma cidade nascida de um sonho realizado com muito trabalho; erguida com a força dos cidadãos e a crença no futuro; uma cidade pensada para ser modelo de urbanismo social e para gerar bem-estar a seus habitantes: este é um cenário bastante propício à solidariedade, estimulador de ações positivas tocadas pelo espírito de colaboração e de ajuda ao próximo que marca o povo brasiliense.

Do cerrado desconhecido e misterioso — para quem aqui chegava pela primeira vez — às edificações de Oscar Niemeyer e os traçados urbanísticos de Lucio Costa, a ideia que virou sonho e o sonho que virou realidade, às custas de muito trabalho, suor e sangue dos pioneiros, mostraram — 50 anos após as primeiras trilhas serem abertas no Planalto Central do Brasil — que ainda é possível acreditar na esperança.

Impregnados por esse sentimento de participação em busca de uma identidade e de uma vida melhor, muitos brasilienses resolveram ir além e depositar no trabalho voluntário a certeza de que pequenas atitudes fazem a diferença. Rosemari Rodrigues, 53 anos, é um exemplo. Ela é aposentada e dedica quatro horas por semana a idosos no Paranoá orientando-os em jogos e atividades de estímulo à memória. "A maioria do grupo é de mulheres e elas são chefes de família; quando ensinamos algo, é certeza que o neto e o filho também aprenderão", anima-se a cuiabana, que também ensina os idosos a ler e a escrever.

Com três anos de plantadas, as sementes de solidariedade de Rose já dão resultados. Otilia da Silva, 56 anos, é a funcionária responsável pela limpeza da Associação de Idosos do Paranoá, onde as aulas são ministradas. "Antes eu tinha medo de escrever na minha folha de ponto as minhas atividades, eu tremia e ficava insegura, mas agora eu faço rapidinho", relata, sorridente, ostentando seus enfeites no cabelo.

"Sabe o que é minha filha? Na fazenda a gente não tinha conhecimento, tinha a primeira cartilha e depois não escrevia mais, aí esquecia! Com o tempo então, a cabeça começa a falhar, por isso as aulas aqui são boas demais", reforça Josefa Moraes Sobrinha, 84 anos, a Zefinha, moradora de Brasília desde 1963.